



# OS MANUSCRITOS DE GEORG LUKÁCS

*A Coleção Pública como Local de Memória\**



*István Monok*

Tradução: Felipe Castilho de Lacerda

**A**o longo da história da cultura, empreendeu-se por incontáveis vezes a tentativa de apresentar a um amplo público um pensamento formulado por Umberto Eco em seu romance *O Nome da Rosa*. Trata-se da máxima mais conhecida de Bernard de Morval acerca das tarefas do bibliotecário do século XII: *Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus*. A ilustração de tal pensamento encontra-se recuperada na declaração oficial de 2002 em Glasgow da International Federation for Library Associations and Institutions (IFLA) [Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias]. ¶ Segundo a fórmula, ao descrever um documento abrigado em uma coleção o bibliotecário não se pode restringir a fronteiras morais, políticas ou derivadas de alguma escola de pensamento. Dito de outra forma, e posto conforme a citação acima, o bibliotecário possui a missão de “chamar as coisas exclusivamente por seu nome”. Uma outra questão que surge, naturalmente: quem é, no fim das contas, capaz de descrever qual documento? Ou então, quando e que tipo de descrição profundamente comovente é levada a cabo em uma biblioteca, em uma coleção pública? ¶ Sou da opinião de que a investigação científica, assim como o pensamento científico – respeitados os limites naturais do ser humano – devem, ou deveriam, seguir aquela máxima. Ao menos desde o século XVII, quando Giordano Bruno ardeu na fogueira, instalou-se uma polêmica internacional sobre isso. Mais especificamente, se um cânon

1. Após processo de catalogação e digitalização, os manuscritos e a correspondência de György Lukács encontram-se finalmente disponíveis para acesso virtual nos respectivos endereços eletrônicos: [http://real-ms.mtak.hu/view/collection/Luk=E1cs\\_Gy=F6rgy.html](http://real-ms.mtak.hu/view/collection/Luk=E1cs_Gy=F6rgy.html) (manuscritos) e [http://real-ms.mtak.hu/view/collection/Luk=E1cs\\_Gy=F6rgy\\_levelez=E9s.html](http://real-ms.mtak.hu/view/collection/Luk=E1cs_Gy=F6rgy_levelez=E9s.html) (correspondência).

clerical, ou uma lei secular, pode restringir a liberdade de inquirição científica. Permita-me acrescentar hoje, no ano de 2018, àquela indagação um ponto adicional, a saber, se as mídias modernas dispõem do direito de restringir tal liberdade, de promover um auto de fé daqueles que venham a divergir delas, de seus proprietários e do discurso politicamente “correto” apregoado pelos grupos de interesse por elas representado, assim como de seus questionamentos. É importante condenar a inquisição medieval do ponto de vista de hoje – como conhecimento histórico e lançando mão das necessárias comprovações das fontes históricas e dos métodos de crítica documental. No entanto, não podemos esquecer que os inquisidores daquela época observam com um malicioso sorriso seus descendentes de hoje e provam da inveja diante das possibilidades da artilharia inquisitorial de que se dispõe hoje em dia para se influenciar a opinião pública.

O discurso “público” sobre o Arquivo Lukács também é dos que carregam tal marca, e isso não é digno daqueles que sói descrever como filólogos ou filósofos. Daí que, aliás, os brados dos autoproclamados especialistas não mais me surpreendam.

### ¶ Sobre a História Prévia

Antes de sua morte, Georg Lukács (1885-1971) refletiu sobre seu legado. Inclusive acerca de seu legado em relação a coleções públicas. Ele não pensou apenas que sua obra iria sobreviver em seus alunos, escritos, ideias e intérpretes. Lukács legou o mobiliário para sua família, a parcela de sua biblioteca disponível à época de seu falecimento (pois não conhecemos nem sua biblioteca de Heidelberg, nem a de Moscou, tampouco os livros utilizados por ele em outras paragens – seu testamento abarca, portanto, exclusivamente os livros que se encontrassem em seu apartamento

no instante em que findasse sua vida) para o Instituto de Filosofia da Academia Húngara, já os manuscritos disponíveis, contudo, deveriam ir para a coleção de manuscritos da Academia Húngara de Ciências. Os motivos para tanto são por nós desconhecidos. Talvez porque os espólios de Béla Balázs e de outros contemporâneos também se encontrassem naquela importante coleção de manuscritos e porque ele sabia que os manuscritos e correspondências de muitos outros, como, por exemplo, de György Aczél, um dia seriam ali depositados.

Talvez ele soubesse igualmente que o processamento formal de manuscritos não podia ser tarefas dos filósofos, cuja orientação profissional e valioso tempo de trabalho não são pensados para esse fim.

No início dos anos 1970, o testamento deixou de ser cumprido em sua integralidade pelas autoridades e/ou pelos interessados diretos. Foram criados um memorial, uma coleção pública, um instituto de pesquisa, cuja tarefa deveria ser o de cuidar do legado escrito de Lukács: a pesquisa e aquisição de cada novidade em termos de literatura relativa a Lukács, o processamento arquivístico e de conteúdo do espólio, assim como a sua abertura para o público. Foi escolhida a definição de “arquivo”, embora o direcionamento assumido por aquilo tenha estado muito longe de o ser de fato, mas tal nomenclatura não será aqui discutida. Destarte, o destino dessa instituição foi negativamente selado – independentemente das flutuações políticas – do ponto de vista técnico. Sem dúvida alguma, alguns dos funcionários do arquivo fizeram, no contexto de uma obra no campo da filosofia – também independente do tempo levado – alguns trabalhos filosóficos muito bons. Foram feitas algumas traduções extraordinárias, além de uma contribuição de enorme importância para a publicação das obras reunidas de Georg Lukács.

À época da chamada “virada”, quando o poder político foi suplantado pelo econômico, ter-se-ia conseguido separar o Arquivo Lukács da política, assim como a herança intelectual do filósofo, ou destacar-se da política, caso tivesse existido alguém com a mínima preocupação relativa à existência e à função do arquivo. Isso não ocorreu e o arquivo foi classificado por todos os atores políticos na categoria “sem importância”. Ciência, teoria, cultura – no processo de tomada do poder econômico se tornam categorias marginais, apenas intermitentemente levantadas e servindo à retórica política. São recorrentemente mencionadas, com frequência totalmente sem necessidade, apenas para a encenação de escândalos.

Para o apoio técnico do Arquivo Lukács, foi criada, em 1989, uma fundação – e, para mim, de maneira incompreensível: como instituição do Partido Socialista Húngaro. Com isso, as condições para o não funcionamento do arquivo foram ainda mais cimentadas. A incompetência arquivística, que já reinava até o momento, foi ampliada a uma dimensão política. Agravaram-se as perspectivas inseguras de emprego do número oscilante de funcionários.

O local (outrora residência de Georg Lukács), onde a coleção se encontra, é de propriedade do quinto distrito de Budapeste. A Academia Húngara de Ciências alugava e aluga tais salas até o dia de hoje, apesar de sua adequação para tanto ter sido frequentemente questionada dentro da própria Academia. O atual estado do imóvel é tão miserável, que, por um lado, chega a ser indigno para a memória de um filósofo de reconhecimento internacional e, por outro, o grau de sua degradação põe inclusive em perigo a conservação da documentação ali depositada (avarias por umidade, constantes alterações de temperatura, processos de degradação química no papel, falta de ordena-

ção). A Academia Húngara de Ciências não é responsável por tal situação – ou apenas estaria pressuposta a responsabilidade, caso quiséssemos alegar negligência pela falta de controle sobre o pessoal em serviço no arquivo –, embora os cuidados necessários do espólio, assim como os devidos cuidados técnicos de conservação, fossem naturalmente competência daqueles que o fazem *in loco*. Ao longo de décadas, no processamento do acervo, não foi apenas uma vez que se chegou ao caso de se retirar as cartas de seus envelopes para evitar que as folhas dobradas começassem a quebrar.

#### ¶ Etapas Fracassadas da Tarefa

Às tarefas basilares da gestão de coleções públicas pertence também a sua *exata catalogação*. É preciso estar claro mediante quais categorias tal registro deve ser realizado.

Melhor dito: Devemos inventariar os acervos bibliográficos e de manuscritos e descrever de maneira exata (*O Nome da Rosa*) e fazê-lo conforme um sistema de ordenamento por meio do qual não apenas a pessoa que descreve o documento possa se orientar, como num sistema de ordenamento que garanta que qualquer um que tenha relação com a coleção possa compreender o que ela abarca. A descrição de conteúdo de cada documento *segue* esse trabalho basilar (*O Perfume da Rosa*). Ao longo da descrição de conteúdo, ou ainda no curso da pesquisa, pode então a documentação, conforme a necessidade, ser alterada (ampliada). O registro do documento segundo um sistema consistente é, aliás, o primeiro requisito para qualquer trabalho de conteúdo.

Um outro ponto essencial é a questão da *integralidade* da catalogação. Não adianta identificar alguns elementos de um grupo de documentos, deter-se em um ou outro item “importante”, ou considerado importante, e processá-lo em termos de conteú-

do, isolado do ambiente textual desse “item interessante”. No caso de Georg Lukács, é especialmente importante a mirada sobre o ambiente textual, na medida em que apenas uma quantidade relativamente pequena de seus próprios manuscritos, e isso sobretudo no que tange à sua última fase de vida, se encontra no arquivo. A maior parte da correspondência provém de outras pessoas dos círculos científico, político ou privado de Lukács. Destarte, parece-me especialmente importante lançar uma visão de conjunto à totalidade desse “fragmento”. Uma coleção – que isso seja anotado – obviamente não se caracteriza como “arquivo” em razão de sua extensão, mas por conta da orientação profissional da instituição.

Hoje, meio século após a morte de Lukács, devemos admitir que não sabemos exatamente o que se encontra em seu espólio bibliográfico e de manuscritos: não há um catálogo confiável, nem do acervo bibliográfico, nem do de manuscritos.

Adicione-se a isso: tanto a biblioteca quanto os manuscritos foram ampliados após a morte de Lukács por meio de objetos de propriedade da família ou de pesquisadores, acerca dos quais não sabemos quem os acomodou naquele imóvel, quando e com qual finalidade. Obviamente algumas pessoas – claro que não muitas – conhecem muito bem o material. Essas pessoas, aliás, realizaram muito em termos da abertura do espólio, ou auxiliaram gente que necessitava de material para o exame de questões específicas relativas à obra completa de Lukács.

Na minha opinião, é bom e importante que se transformem em memoriais os locais onde viveram determinados escritores, poetas, atores e mesmo políticos proeminentes. Entre esses intelectuais também podem e devem encontrar seu lugar filósofos marcantes. A obra de Georg Lukács é célebre, muitas vezes discutida de diferentes maneiras e forma

absolutamente reconhecida. Ele é, de fato, o filósofo húngaro mais famoso. É, portanto, de extraordinário interesse demonstrar como um erudito acadêmico se tornou um homem de atuação política e como este comportou-se como cientista, como funcionário – mesmo que representem pontos de vista extremos colocados em prática – e mesmo como ele agiu como pessoa.

Não se deve, portanto, esperar de outros a preservação da memória de Lukács. Devemos unir forças com vistas a zelar para que as coisas descritas acima não sejam relegadas ao esquecimento.

#### ¶ Sobre os Planos da Coleção de Manuscritos da Academia de Ciências

À coleção de manuscritos da Academia de Ciências, como herdeira dos manuscritos de Georg Lukács, compete *registrar* (*catalogar*) tal coleção porque, como descrito, não está claro o que foi legado, já que nos 46 anos de existência do arquivo não se organizou nenhum índice de documentos propriamente dito. O processamento será, a partir de já, realizado segundo categorias biblioteconômicas – no sentido do *Nome da Rosa*. Em paralelo a isso, *o acervo completo será digitalizado e colocado à disposição do público interessado* (embora a nova Fundação Lukács seja contrária). Qualquer interessado poderá ler e explorar os manuscritos em qualquer lugar do mundo. Os livros serão igualmente digitalizados, especialmente aqueles que contêm anotações ou dedicatórias de e para Lukács. Quando tudo isso tiver sido feito, ficarão os usuários livres para preparar catálogos melhores do que os que fizemos (esperamos, naturalmente, que nossa biblioteca receba em seguida tais publicações).

A *conservação* do espólio de Lukács não é apenas uma questão teórica, embora também seja obviamente importante falar necessaria-

mente sobre a teoria da memória. São dispensáveis os brados sobre como em tal questão dever-se-ia proceder, o que deveria ser feito, sobretudo se provenientes hoje daqueles que outrora foram os incumbidos do (malsucedido) processamento da obra de Lukács.

A preservação dessa memória contém igualmente alguns passos práticos: o registro das publicações das obras, a pesquisa respeitante à investigação em âmbito mundial sobre Lukács, a construção de um banco de dados bibliográfico, a digitalização da literatura especializada, assim como sua disponibilização. A análise de conteúdo, assim como o cuidado com a herança intelectual de Georg Lukács corre paralelamente a isso. Ela apoia inclusive o trabalho, aparentemente mecânico se comparado a ela, biblioteconômico e bibliográfico. O importante é termos em mente: *nenhuma dessas tarefas pode funcionar sem as outras*. As tarefas devem apoiar umas as outras, pois

isso é essencial para atingir nosso objetivo e preservar a memória.

Todos aqueles que se ocupem do cuidado do espólio de Georg Lukács devem estar preparados para realizar sacrifícios. A Academia Húngara de Ciências recebeu uma rica herança. De conhecimento desse fato, já assumiu muito para si e, de acordo com meu conhecimento, não tem o intuito de abandonar a questão à sua fonte. Sozinha, entretanto, ela não tem condições, e, na minha opinião, não deveria ter, de se responsabilizar sozinha pela preservação da memória. Cada um dos herdeiros deve dar sua contribuição para tanto. A família, enquanto herdeira; os alunos; assim como os herdeiros intelectuais de Georg Lukács, tal qual o Instituto de Filosofia da Academia de Ciências, que – financiado por recursos públicos – é responsável pela documentação da história da filosofia húngara; e, igualmente, a Biblioteca da Academia de Ciências.